

personagem

PERDA DO PAI LEVA ILAN GORIN À LUTA POR RASTREAMENTO
E LEI DE INCENTIVO A PESQUISAS DO CÂNCER

Em nome do pai



O ano de 2000 foi um marco na vida do advogado tributarista Ilan Gorin, hoje com 47 anos. Ele perdeu o pai, Nelson Gorin, com câncer de pulmão, e adotou uma causa que o move até hoje: a batalha pelo diagnóstico precoce do câncer para que mais pessoas sobrevivam à doença.

Para concretizar seu projeto, Ilan não mediu esforços: debruçou-se no estudo da doença, nas formas de diagnóstico precoce, submeteu-se a variados exames, conversou com diversos médicos e pessoas que tiveram câncer, procurou cientistas da área em diversos países e contratou dois jornalistas para traduzir o seu ideal em livro: *Sem Medo de Saber – A importância do diagnóstico precoce do câncer*, lançado em 2007. E não parou por aí. No ano passado, estudando a Medida Provisória 563, que determinava o benefício fiscal para o Programa Nacional de Apoio à Atenção Oncológica, viu que ela poderia ser inócua e trabalhou para que uma emenda alterasse o valor de dedução de doações e patrocínios via Imposto de Renda.

Ilan celebra essa vitória e, enquanto aguarda a regulamentação, trabalha em uma nova frente: mostrar aos cientistas e às instituições de apoio ao câncer como se beneficiar e captar recursos para pesquisas sobre a doença, a partir da legislação que segue os moldes da Lei Rouanet, de incentivo à cultura.



Fotos: Isaac Markman

O resultado de um exame de raios X para confirmar a suspeita de pedra nos rins pegou de surpresa a família do contador Nelson Gorin, então com 54 anos: a presença de um nódulo médio no pulmão. Uma tomografia detectou a presença de vários nódulos nos dois pulmões. A biópsia realizada posteriormente fechou o diagnóstico: carcinoma bronquíolo-alveolar, sem possibilidades de cura, apenas controle temporário por meio de quimioterapia. A previsão dos médicos era a de que o contador tivesse apenas mais seis meses de vida.

RAIOS X NÃO DIAGNOSTICARAM DOENÇA PRECOZEMENTE

“O que me revoltou foi ele descobrir a doença por acaso, já que não apresentava nenhum sintoma. Se pelo menos meu pai tivesse tido a oportunidade de fazer a cirurgia e retirar parte do pulmão, eu já estaria satisfeito”, declara Ilan, que deixou de fumar assim que soube da doença do pai. Seu Nelson viveu quatro anos a mais do que a previsão dos especialistas, após passar por diversas sessões de quimioterapia e cirurgias. Ilan conta que o pai era fumante e se submetia a um *check-up* anualmente. “Ele fazia raios X regularmente e o exame foi insuficiente para identificar precocemente os nódulos. No mínimo, ele tinha que ter seguido um protocolo de tomografias de pulmão”, defende.

Extremamente ligado ao pai, Ilan conta que quis homenageá-lo fazendo um livro sobre a doença e suas formas de prevenção. “Procurei um caminho de esclarecimento para o público em geral sobre como se diagnostica precocemente os diversos tipos de câncer, para que nin-

guém seja pego de surpresa como o meu pai”, justifica.

Sem Medo de Saber demorou dois anos para ficar pronto e foi dividido em duas partes. A primeira reúne relatos de 40 personalidades que tiveram a doença ou de um de seus parentes próximos. Entre elas estão os atores Patrícia Pillar, Herson Capri e Raul Cortez, o cantor sertanejo Leandro, os atletas Giba (voleibol) e Narciso (futebol), a novelista Janete Clair e o arcebispo emérito de São Paulo Dom Paulo Evaristo Arns. Já a segunda é centrada no rastreamento do câncer estabelecido a partir de pesquisas de centros do câncer privados e do governo japonês, país onde o câncer é a maior causa de morte (30,1%) entre a população, segundo dados do Ministério da Saúde, Trabalho e Bem-Estar do Japão.

Para seguir seu ideal de ajudar a diagnosticar precocemente o câncer em pessoas assintomáticas, Ilan conta que esbarrou num problema cultural. Só em alguns países orientais, como Japão, Taiwan e Coreia do Sul, essa prática está disseminada. “Descobri dois japoneses que se dedicam a esse assunto. Contratei uma jornalista e a enviei ao Japão para entrevistá-los”, lembra. O resultado dessa entrevista e o protocolo seguido por eles estão em seu livro.

O livro reúne também uma série de tabelas e estudos sobre os resultados do rastreamento japonês, revelando que a taxa de lesões cancerígenas entre os assintomáticos, confirmadas por testes histológicos, é de 3,33%. E, ainda, que a taxa de sobrevivida para o período de cinco anos aumenta cerca de 30%, na maioria dos tipos de câncer. No entanto, Ilan reconhece que seguir o protocolo recomendado

é caro e que está sujeito a resultados falsos-positivos e falsos-negativos.

“Eu fiz o protocolo inteiro e tive ‘achados’ no pulmão e no pescoço. A recomendação era esperar seis meses para repetir o exame. Eu não aguentei. Será que eu tinha a mesma doença que meu pai? No dia seguinte marquei uma biópsia de pulmão”, recorda-se. Ele conta que, na véspera da cirurgia, o médico avaliou os exames e garantiu que não era nada, desaconselhando o procedimento. “É preciso ter equilíbrio emocional para lidar com os resultados”, compreende Ilan, que, apesar da experiência, acha o protocolo japonês “fantástico para descobrir precocemente, tratar e curar o câncer, e possibilitar à pessoa viver décadas a mais do que viveria” sem o diagnóstico precoce de um possível câncer.

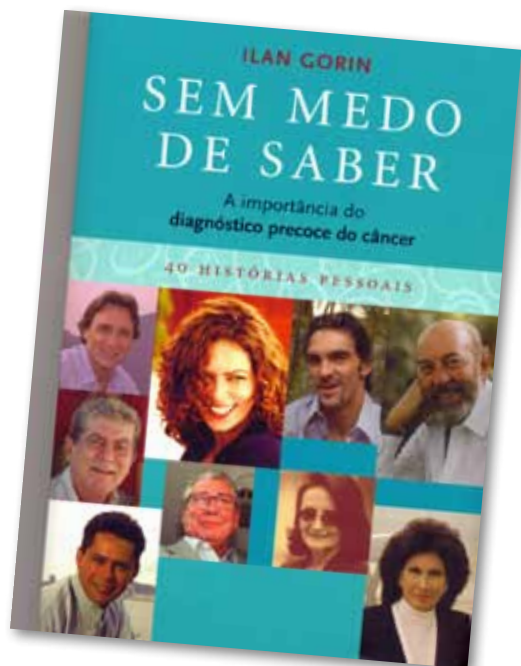
RELAÇÃO DE AMIZADE COM LEITORES ANÔNIMOS E FAMOSOS

Apesar de o livro *Sem Medo de Saber* (www.sem-medodesaber.com) já ter vendido 20 mil cópias e estar em sua quarta edição, Ilan disse que não se sente plenamente realizado com ele. “Meu público-alvo eram pessoas assintomáticas que buscassem conhecer outra visão preventiva. Mas grande parte dos leitores é de pessoas em fase de tratamento”, analisa. Por outro lado, ele se sente feliz em saber que o livro acaba aliviando a dor, o sofrimento e o pessimismo de muitas pessoas.

Ele diz que constantemente recebe e-mails de leitores, com quem acaba criando uma amizade. Foi o caso do ex-vice-presidente José Alencar. “Acho que meu livro ajudou a plantar uma sementinha nele na luta por essa causa e, possivelmente, ele tenha influenciado os médicos e o governo a editar a lei de benefício fiscal para pesquisa do câncer”, acredita.

Tributarista, faz parte do trabalho de Ilan Gorin estudar as novas leis. Foi quando, em abril do ano passado, se deparou com a medida provisória que regulamentava o benefício fiscal para a pesquisa e o tratamento do câncer. “Percebi que, sendo aprovada como estava, possivelmente, a lei não traria nenhum benefício, já que o texto dividia as verbas com os patrocínios culturais”, recorda. Em sua opinião, outro erro crucial da medida era que o investimento em cultura teria abatimento integral para o patrocinador, já para o câncer, apenas 40%.

Determinado, começou a alertar para o problema enviando e-mails para vários deputados federais, cientistas e jornalistas, o que acabou gerando uma matéria no jornal *O Globo* sobre o tema.



A deputada Carmen Zanotto (PPS/SC) imediatamente protocolou a emenda 18 pedindo a dedução total do imposto para os incentivadores do Programa Nacional de Apoio à Atenção Oncológica (Pronon), que foi aprovada pela Câmara e pelo Senado e transformada na Lei 12.715. Aprovada em novembro de 2012, a lei precisa ser regulamentada para entrar em vigor.

Enquanto o benefício ainda não está disponível, o advogado orienta cientistas e instituições de apoio ao câncer a tirar proveito da Lei. “A estimativa é que R\$ 350 milhões possam ser captados anualmente, para pesquisa e tratamento do câncer”, alerta. O incansável Ilan está repassando uma listagem dos 250 maiores contribuintes da Lei Rouanet para esses pesquisadores. “Essas empresas já estão sensibilizadas e podem se tornar as primeiras a incentivarem as pesquisas com câncer também”, analisa.

No entanto, o tributarista chama a atenção: “É preciso empenho para captar os recursos.” Ele faz um paralelo com a lei de incentivo cultural, que levou 20 anos para conseguir captar R\$ 1,4 bilhão de patrocínio, somente no ano passado. Segundo Ilan, a Lei de Incentivo ao Esporte, existente há seis anos, com potencial de R\$ 350 milhões, só conseguiu captar R\$ 50 milhões em seu primeiro ano. Em 2011, foram arrecadados R\$ 219,5 milhões.

Otimista, o advogado percebe que a expectativa de patrocínio possa até levar à descoberta da cura do câncer. “Essa verba é muito significativa.” E Ilan pretende usufruir esse incentivo, com dois projetos que tem em mente. “Quero criar uma ONG para apoiar pessoas que queiram parar de fumar. Também pretendo captar recursos para que meu livro possa ser distribuído gratuitamente para todo o Brasil”, antecipa o guerreiro Ilan. ■